AS PERCEPÇÕES ETNOGRÁFICAS DE GONÇALVES DIAS SOBRE O INDÍGENA BRASILEIRO: ANÁLISE COMPARATIVA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E LITERÁRIA (1859-1860)

Solange Santana Guimarães Morais[1]

Ana Helena Fontes de Brito[2]

Estefany Silva Albuquerque[3]

Francisco Henrique Machado[4]

INTRODUÇÃO

Gonçalves Dias (1823-1864) foi um dos maiores nomes da literatura do século XIX. Sua obra atravessou o tempo e ainda se faz presente na contemporaneidade. É lembrado, sobretudo, pelos poemas que falam sobre as paisagens brasileiras e o indígena, principalmente a tão conhecida Canção do Exílio (1846). Como resultado disso, as pesquisas, em sua maioria, são dedicadas aos seus poemas nacionalistas-indianistas. No entanto, destacamos que, como literato profícuo, a produção de Gonçalves Dias vai além dos poemas. Além desse gênero e da temática americana e lírico-amorosa, redigiu peças teatrais, romances e um extenso texto em prosa de teor antiescravagista, bem como trabalhos jornalísticos.

Como um homem de ciência, vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), muitas as contribuições de Gonçalves Dias no ramo científico do contexto oitocentista. Dentre elas, destacamos aquelas realizadas no ramo da educação, mais especificamente do estado do Maranhão e do Amazonas, para avaliar a qualidade do ensino ofertado nos dois estados. Além desses, o literato maranhense efetivou estudos de línguas indígenas do Brasil, materializados no *Dicionário da Língua Tupi*, bem como trabalhos de natureza historiográfica sobre os povos originários durante a colonização. No campo da etnografia do século XIX, o poeta é notável por sua participação na Comissão Científica de Exploração, em que ocupava o cargo de chefe da seção Etnográfica e Narrativa de Viagem. Ele pesquisou a cultura material e linguística dos indígenas do Norte do Brasil, produzindo, entre outros, o texto etnográfico *Relatório E (Etnografia)*.

Assim, o projeto *As Percepções Etnográficas De Gonçalves Dias Sobre O Indígena Brasileiro: análise comparativa da produção científica e literária (1859-1860)* se desdobrou em três planos de pesquisa, cada um voltado para uma produção científica de Gonçalves Dias. O primeiro trabalho intitulado *Diário da Viagem ao Rio Negro: Gonçalves Dias e suas Percepções do Indígena da Amazônia* analisou as percepções etnográficas do poeta no *Diário da Viagem ao Rio Negro*. O segundo com o título *Brasil e Oceania: Gonçalves Dias e o indígena da Amazônia Brasileira* explorou as temáticas presentes no livro *Brasil e Oceania*. O terceiro, sob o título *Relatório "E" (Etnográfico): O Indígena Amazonense Em Produções Gonçalvinas* realizou um estudo comparativo das representações dos indígenas presentes no *Relatório E (Etnografia)* e nos poema *O Canto do Guerreiro* e *Tabira*.

A nossa pesquisa, nesse sentido, intenta explorar e divulgar a dimensão científica de Gonçalves Dias, até o momento pouco estudada nos meios acadêmicos de Letras, com exceção

1 Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias.

2 Graduada em Letras Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias/ Bolsista PIBIC-FAPEMA.

3 Discente do Curso de Letras Português e Inglês e Suas Respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias. Bolsista PIBIC-FAPEMA.

4 Discente do Curso de Letras Português e Inglês e Suas Respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão campus Caxias. Bolsista PIBIC-CNPQ.

daquelas que já fizemos durante os últimos meses no nosso projeto de iniciação científica, juntamente com alguns de seus poemas indianistas na tentativa de compreender a escrita e as percepções do poeta Dias acerca dos indígenas, inseridas em um quadro mais amplo da ciência e da literatura do século XIX em que os povos originários são tomados com elementos centrais nesses dois campos.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa é de natureza é qualitativa e configura-se em duas modalidades: bibliográfica, que, conforme Fonseca (2002, p.32) "é feita a partir do levantamento de referências teóricas "já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites" e documental, caracterizada por se basear em "materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa." (Freitas e Prodanov, 2013).

Para realização das análises das produções científicas aqui abordadas correlacionando-as com os poemas, partiremos do método comparativo que é "Centrado em estudar semelhanças e diferenças, esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências." (Freitas e Prodanov, 2013), que é o que faremos nessa pesquisa investigar as semelhanças e diferenças presentes nas percepções etnográficas. Esse método, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 107), "Ocupando-se da explicação dos fenômenos, o método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais."

Além disso, nos apoiaremos na concepção de comparação dada por Tania Franco Carvalhal (1991), não da comparação que basta em si mesmo, mas um instrumento, um recurso utilizado para relacionar, enxergar objetivamente pelo contraste, por colocar em confronto elementos que não seja obrigatoriamente semelhante, mas também diferentes.

Por ser um trabalho situado no âmbito da literatura e confrontar obras, inclusive literárias, nosso estudo insere-se na área dos Estudos Comparados. Segundo Sandra Nitrini (2010) o surgimento campo de estudo conflui com o da própria literatura, desde as literaturas gregas e romanas. No seu início, vale destacar, a literatura comparada não era tal como a conhecemos hoje, uma área sistematizada. É apenas no século XIX que esse cenário muda e a ganha feições de área de conhecimento, como explica Nitrini (2010):

> Tal tendência perdurou e foi-se aperfeiçoando até o século XIX, sem dúvida, o marco temporal de sua instituição como uma atitude intelectual mais cultivada e, também, como uma disciplina acadêmica no contexto europeu. Ao que tudo indica, a expressão "literatura comparada" derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia como um meio para confirmar uma hipótese. (Nitrini, 2010, p. 20).

Assim, os trabalhos que se voltavam para comparação de duas literaturas deixam de ser estudos meramente empíricos e sem elaboração alguma e constituem-se em ciência com métodos e objetos de estudo definido, além de ser disciplina ministrada nas principais universidades da Europa, conforme (Coutinho, 2013). É de suma importância refletir sobre qual é, de fato, o objeto da literatura comparada. Nos seus primórdios, eram realizadas comparação de produções literárias de nações distintas, de Roma e de Grécia, por exemplo, fazendo supor então que a literatura comparada é especializada em confrontar somente obras literárias. A própria expressão "literatura comparada", como reflete Carvalhal (2006), embora grafada no singular, remete a comparação de duas literaturas distintas. Mas a teórica chama atenção:

> No entanto, quando começamos a tomar contato com trabalhos classificados como "estudos literários comparados", percebemos que essa denominação acaba por

> rotular investigações bem variadas, que adotam diferentes metodologias e que, pela diversificação dos objetos de análise, concedem à literatura comparada um vasto campo de atuação. (Carvalhal, 2006, p. 6).

De fato, como pondera Carvalhal (2006), a amplitude da literatura comparada decorre principalmente pela diversidade de objetos de estudos e não de um único objeto de estudo, que se encontram não somente no campo da literatura, mais também nas demais manifestações artísticas e outras áreas de conhecimento. Assim, ao discutimos sobre a extensa atuação da LC recaímos na noção de transversalidade e no seu caráter interdisciplinaridade. Essa noção de transversalidade marca fundamental da disciplina, de acordo com Coutinho (2013), está presente desde o seu advento e refere-se à mobilidade de atravessar as fronteiras de nações e idiomas e também os limites de outros campos de saberes. "Tal transversalidade, ao assegurar à disciplina um caráter de amplitude, confere-lhe ao mesmo tempo um sentido de inadequação à compartimentação do saber" (Coutinho, 2013, p. 17). Esse aspecto transversal é assegurado também pelo seu caráter interdisciplinar:

> [...] como também pela interdisciplinaridade com relação tanto às demais formas de manifestação artística quanto a outras searas do conhecimento, as transformações ocorridas em seu seio foram contundentes, sendo a mais expressiva o acirramento do diálogo entabulado com as demais disciplinas, particularmente no que diz respeito à troca de conceitos e categorias e à interferência de objetivos de uma área na outra. As fronteiras, embora tênues, que ainda marcavam o comparatismo com relação a outras áreas do conhecimento foram amplamente esgarçadas, e a disciplina, além de absorver elementos de outras e de prestar subsídios a suas elaborações [...] (Coutinho, 2013, p. 32).

Nessa perspectiva, foi o teórico Henry H. H. Remak, grande nome nos estudos comparados, quem elaborou o conceito atual de Literatura Comparada no ensaio Literatura Comparada: Definição e Função, de 1961, conceito esse que contempla não só a migração de um elemento literário de um país para outro e a comparação de autores de literaturas distintas, mas também as múltiplas relações que a disciplina estabelece com outras artes e ciências limítrofes:

> A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país específico e o estudo das relações entre, por um lado, a literatura, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento e da crença, tais como as artes (por exemplo, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música), a filosofia, a história, as ciências sociais (por exemplo, a política, a economia, a sociologia), as ciências, a religião etc. Em suma, é a comparação de uma literatura com outra ou outras e a comparação da literatura com outras esferas da expressão humana. (Remak, 1994, p. 175).

No entanto, Carvalhal (1991) adverte para dupla competência, ou até mesmo múltiplas competências, exigida pelos trabalhos interdisciplinares, pois o estudioso terá que se aprofundar em todas as áreas em que se propõe analisar, além de ter que se apropriar de terminologias específicas das áreas investigadas, tendo por consequência alguns inconvenientes como a dispersão de esforços de todas as áreas pesquisas, ao invés ser destinado apenas a uma. Mas também tem seu lado positivo, sobretudo no que diz respeito a riqueza metodológico, as analogias e os contrastes decorrentes da relação entre objetos distintos, propiciando leituras mais esclarecedoras.

Ademais, para a seleção das obras literárias que formaram o *corpus* do terceiro plano de estudo, estabelecemos alguns critérios, a saber:

a) Poemas, peças teatrais, cartas, romances escritos entre os anos de 1859 a 1861, período que corresponde a participação na Comissão Científica de Exploração, em nelas o literato-cientista discorre sobre o indígena brasileiro;

b) Poemas, peças teatrais, cartas, romances escritos anterior ou posterior ao recorte

temporal de 1859 a 1851, em que nelas o literato-cientista discorre sobre o indígena brasileiro.

c) Produções literárias em que o literato Gonçalves Dias retrate o indígena brasileiro.

Quantos os trabalhos teóricos que fundamentarão as discussões, procuramos por aqueles que refletissem sobre o indianismo romântico e o contexto de seu desenvolvimento, principalmente os voltados à produção gonçalvina e os que discutem sobre a representação do indígena na literatura romântica. Esses trabalhos foram pesquisados nas principais bases de dados, como Scielo e Google Acadêmico, em livros físicos e digitais, em repositório de dissertações e teses. Já as produções literárias de autoria de Gonçalves Dias e outras que dissertam sobre ele e a Comissão Científica de Exploração foram pesquisas em bibliotecas físicas como a Biblioteca Geral e Setorial de Letras na Universidade Estadual do Maranhão, campus Caxias, em sebos virtuais e no site do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Análise das percepções etnográficas no Diário da Viagem ao Rio Negro

O diário descreve um espaço de cinquenta e cinco dias, entre o dia quinze (15) de agosto e sete (05) de outubro do ano de 1861 (Süssekinde, 1996, p. 96). Gonçalves Dias inicia sua escrita assinalando a data e descrevendo um jantar com algumas autoridades locais.

> "15 de agosto, Jantamos com Dr. Chefe de Polícia – ás seis da tarde em companhia do presidente Manuel Clementino, chefe Cerqueira Pinto, secretário do Governo, da polícia, José Feliz, Guimarães, etc. – embarcamos a bordo do Pirajá, comandante Tavares" (Dias, 1861, apud Pereira, 2018, p. 459).

Dessa maneira seguem as anotações do escritor, sempre assinalando a data na qual escreve e as horas que se passam os acontecimentos; por vezes ele demarca os horários de chegada e de saída dos locais, assim como o tempo de estadia que demanda o grupo na região. A citação explanada acima mostra os recursos empregados na forma do texto que Dias se utiliza no seu diário, são frases curtas, breves apontamentos e a marcação dos nomes das pessoas envolvidas na passagem.

Apesar de se utilizar da primeira pessoa, "nesse diário quase nada transparece de íntimo" (Pereira 1943 *apud* Süssekind, 1996, p. 96). As inscrições são as observações, em primeiro momento, do explorador que estava ávido por novas descobertas e por informações antes obtidas apenas por documentos históricos e pela observação dos exploradores europeus. As duas primeiras páginas do documento mostram o cuidado e a minucia do escritor com a exatidão dos horários, distâncias, itinerários, povoados, vistas, variações atmosféricas e expressões indígenas.

Destarte, retomando as anotações de Gonçalves Dias, observamos que algumas são mais breves ainda, como no dia 18, "Chegamos a Xibaru — 10h 35' da manhã/ Saímos às 5,35' da tarde/ Fundeamos às 11,30' da noite", em outras o escritor elabora uma sequência extensa da descrição em forma de lista de ingredientes para receitas medicinais, como no dia 27 em que o texto seguia sobre uma rixa entre um subdelegado e um professor da região e na linha subsequente se inicia a listagem:

> "Para febres: Folhas de tamarindo cozidas; toma-se a infusão quando a febre vai passando. Depois (palavra ilegível) ponche e abafa-se para suar. Depois de três ou quatro dias sem febre, um vomitório de pinhão. Quando há inflamação do baço, aplica-se sobre a parte emplastro de sucuba (leite) polvilhado com excremento de Jacaré (almíscar). O vomitório de pinhão é o que está por baixo da casca (umas folhinhas) e toma-se ralado em água morna. Dez frutos para pessoa forte. Para purgante assa-se e rala-se tudo. Para desarranjo de barriga de mulher —murta do

> campo em banhos, cozimento de folhas, tronco e raízes (uma murta que só tem flor, sem frutos) (Dias, 1861 *apud* Pereira 2018, p. 511-512).

Assim sendo, identificamos a presença de um efeito de lista no diário; sobre o assunto, Tankard (2006) conceitua e explica que a lista pode ser uma série escrita ou impressa de nomes, datas, números ou itens reunidos de acordo com alguma necessidade ou princípio. Podemos considera-la como uma forma de linguagem sem valor ou desinteressante por não carregar efeitos de sentido amplos e nos parecer, à primeira vista, apenas um mero esforço de armazenamento. Porém, Tankard (2006), em seu estudo intitulado "Reading Lists", chama a atenção para o fato delas serem assertivas e provisórias, podendo ser editadas ou reclassificadas.

Apesar de "expor-se ao perigo do não-estilo, da não-literariedade" (Milcent-Lawson; Lecolle; Michel, 2013, p. 28), ao utilizar-se do efeito de lista em seu diário, Gonçalves Dias nos revela suas intenções de coletar e agrupar todo conhecimento possível em sua viagem para uma futura edição e reclassificação. Gonçalves Dias também emprega sua prosa romântica em certas passagens, como ao chegar em Ponta do Remo; lá, o poeta arruma sua rede "contemplando um céu equatorial tão recamado de estrelas" e "a estrela Vênus nos fazia negaças para o lado do Ocidente, como rindo-se de que há tanto tempo nos tivesse privado dos seus favores" (Dias *apud* Pereira, 2018, p. 487). Vemos também tal característica na exaltação a "gente brasileira":

> Não há gente como a nossa, considerava eu. Soldados bons como eles! Marujos excelentes — remeiros incansáveis, e sempre falando, sempre alegres. [...] Farinha à discrição, e haverá gente para tudo! Peixe seco já é uma fortuna — carne, isso vem do céu. É o máximo que pedem. E esse máximo não é ainda a mínima parte de qualquer miserável que nos vem da Europa" (Dias *apud* Pereira, 2018, p. 487).

Uma das características mais marcantes da poesia gonçalvina é a exaltação do indígena brasileiro, assim como o caráter particular de personagem puramente brasileiro e protagonista de suas próprias histórias (Pereira, 2018, p. 154, 155). Por isso, não nos é estranho acompanhar tais manifestações do poeta em seu diário. Da mesma forma, observamos outras passagens onde a exaltação da natureza flui no diário de Gonçalves Dias, a exemplo do texto feito ao chegar à ilha de Jucuruaru:

> Poucas vezes me tem Deus concedido presencear um pôr de sol tão formoso. Em frente à ilha, à margem do rio estendendo-se como uma linha baixa no horizonte, o rio dourado pelo sol no ocaso, um céu belíssimo como nos trópicos quando ameaça tempestade, e adornando a cúpula com as cores mais delicadas que a nossa imaginação poderia conceber. [...] As palmeiras elegantes que chamam caraná-í nascem d'água, debruçam-se nela, trepam pela areia e formam como um bosque de fadas, em cujo pino se elevam as árvores frondosas dos jacurecibas, cujos troncos altíssimos só aparecem de meia altura, encobertos como estão por algumas acácias gigantes! (Dias, 1861 *apud* Pereira, 2018, p. 510).

O poeta usa uma sucessão de exclamações para relatar a beleza da ilha e se pergunta "Quem resiste a uma cena destas? Suicídio! Mas que importa! Quero tomar um banho neste lugar. Ao menos no meu livro de notas quero deixar uma página de lembrança deste mágico panorama." (Dias, 1861 apud Pereira, 2018, p. 487). A natureza é outro elemento de suma importância para a obra de Gonçalves Dias, do mais celebrado e aclamado poema "Canção do exílio" até os mais desconhecidos, ela representa a visão da nação Brasil, são as saudades do escritor e também o local dos atos de bravura da "nossa gente".

Análise das temáticas em Brasil e Oceania

Ao tratar de sua primeira tese, *Brasil e Oceania*, Gonçalves Dias põe em questão os rumos da emigração indígena para determinar sua origem, buscando analisar seu objeto desde o que se pode considerar o seu início. Neste momento, ao apresentar o argumento que sustentará o capítulo, evidenciam-se duas informações fundamentais: a forma como afirma prontamente a origem no Norte do Brasil e a predominância da tribo Tupi em sua análise. Conforme o trecho: "De onde vieram os tupis – eis a primeira questão que nos cabe elucidar. Do Norte, disse eu [...]" (Dias, 2013, p. 45), observa-se uma escrita dotada de segurança e assertividade, na qual o autor defende sua hipótese de maneira sagaz, fundamentada em pesquisas etnográficas.

Ao voltarmos a atenção para essa tese, percebe-se, como aponta Pereira (2018), que ela encontra ressonância em sua produção literária, revelando relações explícitas entre ciência e poesia que a autora denomina como "coincidências". Fragmentos como "Sou bravo, sou forte. / Sou filho do Norte", de *I-Juca-Pirama*, e "Os 'tupis' são filhos do norte [...]", presente em "Reflexões sobre os Anais de Berredo" (Pereira, 2018, p. 159), evidenciam que o indianismo de Gonçalves Dias, mais do que um traço romântico, responde a um esforço de integração do indígena à história do Brasil. Nesse sentido, chama atenção o conhecimento prévio que o autor já demonstrava possuir, considerando o momento em que inicialmente se posiciona sobre a questão.

A segunda informação relevante diz respeito à centralidade do povo Tupi em sua análise, predominante ao longo de toda a obra e também em produções anteriores. Tal escolha pode indicar uma maior disponibilidade de informações, mas também aponta para uma razão mais profunda, diretamente vinculada à missão proposta pelo imperador: "deduzir quais ofereciam maiores probabilidades à empresa da civilização". Em outras palavras, tratava-se de identificar quais grupos originários seriam considerados mais "civilizáveis". Para responder a essa questão, Dias delineia um percurso analítico que gira em torno do grau de aproximação desses povos em relação ao modelo europeu, seja pelo contato inicial com os colonizadores, seja pela língua tupi, considerada mais harmônica e homogênea.

Conforme aponta Alvim (1993), o conhecimento acerca dos costumes indígenas concentrava-se majoritariamente nos povos Tupis, em razão da escassez de registros sobre outros grupos. Tal condição levou à predominância desses indígenas nas produções literárias e científicas do período. Desse modo, ao mesmo tempo em que se iniciava um movimento de resgate do indígena na história, esse processo ocorria de forma seletiva, intensificado pelas produções indianistas que romantizavam os Tupis, enquanto outros grupos, como os Botocudos (arredios ao branco português, situados a sudeste do Brasil, vítimas das chamadas "guerras justas", sofreram genocídio), eram associados à ideia de "selvageria" e inferioridade.

Nesse contexto, como explica Kodama (2010), fatores históricos como alianças coloniais, registros de cronistas e missionários, a sistematização da língua tupi e os casamentos interétnicos contribuíram para a construção de uma percepção positiva desses grupos. Tal construção está diretamente relacionada ao projeto do IHGB de formular uma identidade nacional, que exigia uma origem sólida baseada em uma natureza e nas populações consideradas autóctones, mas também compatíveis com determinados valores europeus (Barbato, 2013). Assim, não bastava inserir o indígena na história: era necessário reconstruí-lo conforme esses moldes, destacando características que o aproximassem do europeu e, em certa medida, romantizando-o.

Essa influência manifesta-se na escrita de Gonçalves Dias, em passagens que revelam hierarquizações implícitas, como ao associar determinados traços à "raça caucásia" e ao utilizar distinções como "mansos" e "bravos", a partir de frei Jaboatão. Ao incorporar essas classificações, o autor evidencia os reflexos das teorias europeias de seu tempo, construindo uma espécie de hierarquia racial. Em consonância, como observa Said (1995), o vocabulário da cultura imperial oitocentista está profundamente marcado por noções de superioridade e dominação, o que reforça a leitura dessas construções no texto de Dias.

Ao comparar Tupis e Tapuias, o autor atribui aos primeiros, características mais próximas de um ideal civilizado, enquanto os segundos são associados à barbárie. Tal diferenciação revela a permanência de sua sensibilidade poética, sobretudo na valorização do indígena tupi como figura elevada, quase heroica, ao mesmo tempo em que evidencia um tratamento desigual entre os grupos analisados. Ainda assim, como argumenta Raimundo Lopes (2021), essa tendência pode ser compreendida menos como preconceito deliberado e mais como resultado da limitação de dados disponíveis, sendo atenuada pelo esforço intelectual do autor.

Ao longo da obra, Dias também reconhece os limites de sua investigação, ao apontar a dificuldade de reconstruir a história de povos sem registros escritos. Essa perspectiva, que associa a ausência de escrita ao apagamento histórico, pode ser tensionada a partir de reflexões contemporâneas, como as do líder indígena, escritor e ativista ambiental brasileiro Ailton Krenak (1953-), que ressaltam o valor da memória como forma legítima de transmissão de conhecimento, como já discutido por Almeida (2010), o apagamento indígena na história do Brasil não decorre apenas da ausência de registros, mas também de processos de dominação que limitaram a agência desses povos.

Em *Viagem pelo Amazonas – Cartas do Mundus Alter* (2011), o próprio Gonçalves Dias revisita algumas de suas posições, evidenciando uma postura reflexiva diante de questões históricas complexas. Ao reconhecer possíveis equívocos e tensionar suas próprias afirmações, o autor demonstra compromisso com a busca pela verdade, ainda que atravessado pelas ideias dominantes de sua época. Essa ambivalência revela um sujeito dividido entre convicções pessoais e discursos hegemônicos, possivelmente influenciado por uma necessidade de pertencimento ao meio intelectual em que se inseria.

Tal tensão também se manifesta em sua produção poética, como no poema *O canto do Piaga* (1959), no qual a chegada dos colonizadores é representada sob um viés crítico. Ainda que haja controvérsias em sua obra, estas são menores diante das afirmações mais consistentes, permitindo inferir que Gonçalves Dias reconhecia, em alguma medida, o caráter invasivo do processo colonizador.

Dessa forma, sua obra revela-se múltipla e profundamente significativa para a compreensão da formação histórica do Brasil. Ao articular literatura, ciência e contexto histórico, Gonçalves Dias constrói uma escrita que evidencia tanto os limites quanto as possibilidades de pensar o indígena no século XIX, permitindo relacionar sua produção às demandas de um Brasil Imperial em processo de definição de sua identidade.

Análise comparada dos indígenas do Relatório E (Etnografia) e nos poemas O Canto do Guerreiro e Tabira

O *Relatório E (Etnografia)*, escrito em 1861, consiste em descrições e listagens de materiais etnográficos como armas, enfeites, vestimentas e produtos naturais recolhidos por G. Dias e enviados à Corte para comporem a Exposição Universal de 1862 realizada em Londres e a Exposição Nacional da Indústria, realizada em 1861 no Rio de Janeiro. De acordo com Lúcia Pereira (2018), o relatório de doze páginas redigido por Dias conta com informações de mais de 200 objetos etnográficos, constituindo, dessa forma, um texto com conteúdo de natureza etnográfica significativo para as análises.

Analisando as percepções do maranhense no relatório, observamos uma prevalência de descrições que fazem sobressair o caráter guerreiro dos indígenas amazonenses. O texto não nos oferece detalhamento de todos os materiais, apenas de alguns em suas quatro primeiras laudas; mais da metade dos objetos são enumerados e listados sem muitas informações. Dentre os materiais descritos, constam vestimentas, acessórios e em maior quantidade armas, todos esses objetos são usados em contexto de festa, caça e principalmente em guerras, acarretando uma aproximação, em termos de conteúdo do relatório, com os seus poemas indianistas, já que conflitos bélicos entre tribos também estão presentes em *O Canto do Guerreiro* e *Tabira*, como analisaremos mais adiante.

Como havíamos mencionado anteriormente, os objetos que mais são descritos são as armas, utilizadas em maior quantidade pelos indígenas amazonenses em guerra. Curiosamente, os materiais etnográficos desse gênero em sua maioria são manuseados exclusivamente por chefes. Ademais, em alguns momentos são detalhadas algumas armas usadas em caça. É o caso das Taquaras que "são empregadas na guerra e para caça volumosa" (Dias, 2002, p. 85). Há a Zarabatana, descrita como uma arma "terrível e certeira, de que ainda hoje fazem uso frequente" (Dias, 2002, p. 84) e a "coleção de flechas de índios do Japurá oferecida pelo I. H. pelo Sr. Comandante Nuno" (Dias, 2002, p. 85).

> O cetro de plumas (nº 65) é curioso pela perfeição da obra e mais digno de nota pelas reflexões que sugere: foram precisos três séculos para que a lança colossal dos velhos e antigos Tuxauas se convertesse em uma haste emplumada e sem préstimo. O chefe, que, segundo dizia energicamente um deles a Montaigne, era o que tinha o direito de caminhar dianteiro na guerra, hoje é o corifeu das damas selvagens, e marca a cadência do passo com o bastão, que outrora representava a sua valentia como guerreiro, a sua autoridade como chefe. (Dias, 2002, p. 83).

Na percepção acima, o autor de Canção do Exílio traça sucintamente um histórico das transformações ao longo de três séculos pelas quais passou um cetro de plumas da tribo dos Tuxauas do Uaupês. Em tempos de outrora, consistia em uma lança dos indígenas mais antigos dessa nação, empunhada nas guerras, depois se tornou um cetro de plumas sem muita funcionalidade, usado em cerimônias. No trecho, observamos a presença do chefe e a importância do seu papel dentro de sua comunidade; é ele que se posiciona à frente dos demais guerreiros diante de combates e em festas nos momentos de dança. Chama atenção os adjetivos empregados, colossal para lança, autoridade para designar a posição do chefe, e mais ainda as palavras valentia e guerreiro, frequentemente utilizados para caracterizar os indígenas nos dois poemas escolhidos, no relatório são usados possivelmente para enfatizar essa característica beligerante dos grupos indígenas do Amazonas.

No quadro dos poemas americanos, identificamos aproximações e distanciamentos quando comparados com as percepções etnográficas do *Relatório E (Etnografia)*. Ao contrário do que notamos no relatório a respeito do tom utilizado para descrever os indígenas amazonenses, ao longo de todas as nove estrofes de *O Canto do Guerreiro*, identificamos uma exaltação da figura de um guerreiro pelo eu lírico e uma representação belicosa do indígena brasileiro. O poema é formado pelo diálogo do guerreiro chefe com os demais de sua tribo, indicado pelos questionamentos no final de cada estrofe:

> Valente na guerra
>
> Quem há como eu sou?
>
> Quem vibra o tacape
>
> Com mais valentia,
>
> Quem golpes daria
>
> Fatais — como eu dou? —
>
> Guerreiros, ouvi-me;
>
> — Quem há como eu sou? (Dias, 1946, p. 11-12).

Nesse trecho, podemos apontar algumas semelhanças com algumas percepções da produção científica, como a caracterização da personalidade do indígena representado empregando o adjetivo valente; identificamos o tacape que no relatório aparece sob o nome de tangapema e a circunstância de guerra que o guerreiro repetidamente exalta não somente nesse

trecho, mas em todo o poema. Essa representação do indígena na poesia de Gonçalves Dias e de outros escritores da primeira fase do Romantismo é reflexo de um anseio de constituir uma literatura que refletisse as singularidades do Brasil, para tanto, viram na natureza brasileira e no seu indígena elementos a que servissem a esse objetivo. Porém, essa representação do nativo é idealizada, como apontam Carvalho e Santos (2023). Segundo as teóricas, o indígena nessa vertente literária foi representado com traços caricatos, idealizados e distantes dos escritores: "A imagem deste povo revelada pela lente nesse momento era idealizada, segundo seus autores, contornando personagens simbólicos, fortes e bonitos, que estariam prestes a ser incorporados à sociedade" (Carvalho e Silva, 2023, p. 5).

Quando confrontamos a representação do indígena brasileiro presente no poema *Tabira* com o *Relatório E (Etnografia)* e *O Canto do Guerreiro*, notamos uma aproximação no que diz respeito à retratação do indígena em contexto belicoso. Nele, há a guerra entre duas tribos inimigas, os Tobajaras e os Potiguares. Na primeira estrofe conhecemos o chefe da nação Tobajaras, Tabira, o guerreiro principal do poema:

> É Tabira guerreiro valente,
>
> Cumpre as partes de chefe e soldado;
>
> E' caudilho de tribo potente,
>
> — Tobajaras — o povo senhor!
>
> Ninguém mais observa o tratado,
>
> Ninguém menos de p'rigos se aterra,
>
> Ninguém corre aos acenos da guerra
>
> Mais depressa que o bom lidador! (Dias, 1848, p. 96).

Na descrição do indígena brasileiro acima, identificamos a exaltação de sua figura pela voz do eu lírico: Tabira se destaca não apenas por ser chefe, mas pela superioridade em vários aspectos, como agilidade e atenção aos assuntos da tribo e da guerra, superioridade essa que é também observada n´*O Canto do Guerreiro*, bem como igual qualidade de valentia; além de chefe, é também soldado, guerreia com os demais guerreiros da sua nação imperiosa.

Além da descrição do indígena, é necessária atenção à questão da diversidade étnica presente nas três produções analisadas. Nas percepções etnográficas inscritas no relatório, Gonçalves Dias expõe a variedade dos povos da região não apenas do Amazonas, como os Jauás e os Japurá, mas também de outros países vizinhos, como os Quíchua do Peru. Notamos cuidado do poeta para relacionar os objetos com suas respectivas etnias, embora em algumas passagens não consiga precisar o nome do povo, apenas a localidade onde vivem. Já no poema O Canto do Guerreiro o poeta não indica de qual nação o guerreiro e sua tribo fazem parte, e em Tabira retrata duas etnias que de fato existem fora da literatura indianista, os Tabajaras (no poema com a variação Tobajara) e os Potiguares, dois povos do Nordeste brasileiro.

CONCLUSÃO

De acordo com o conteúdo aqui exposto, podemos concluir que a obra de Gonçalves Dias é vasta e complexa, e quando se trata do indígena brasileira ela vai além dos poemas indianistas. No *Diário da Viagem ao Rio Negro*, percebemos que a temática da idealização da bravura e força do indígena brasileiro, além de uma grande exaltação destes que seriam os "brasileiros originais",

está presente no texto. Outro fator continuamente presente nos escritos do poeta maranhense é a natureza, que nas obras estudadas, não é mais objeto distante ou matéria secundária vinda dos livros; Dias estava inserido no pano de fundo de suas obras, o autor deixa de ser apenas um observador distante e torna-se um explorador em missão etnográfica.

Além disso, as análises do segundo trabalho nos permitiram concluir que a produção etnográfica *Brasil e Oceania* é uma obra complexa, no que diz respeito às percepções do autor, marcado por tensões e debates do século XIX. A eleição da matriz étnica Tupi como "o bom selvagem" mantém forte relação com o movimento romântico brasileiro e o pensamento europeizado, deixando à margem do esquecimento aqueles *outros* grupos/subgrupos indígenas que já se mostravam raros. Além disso, contradições e concordâncias puderam ser percebidas entre suas escritas poéticas e científicas, seja isto por amadurecimento de conhecimento ou confirmação de certezas; seja talvez, também, diretamente relacionado aos destinatários que o resultado de sua pesquisa buscava, sendo estes o Imperador D. Pedro II e os sócios do IHGB.

Quanto à comparação do *Relatório E (Etnografia)* com os dois poemas indianistas, as semelhanças encontradas entre as três produções foram o caráter guerreiro do indígena, o contexto de guerra em que são descritos, a qualidade de valentia, a presença do chefe e de armas usadas em condições de combate, especificamente a maça de sacrifício, nos poemas aparece com o nome tacape. Já as diferenças foram identificadas na abordagem da diversidade étnica, que no *Relatório E (Etnográfico)* é mais abundante do que nos dois poemas, embora em *Tabira* Gonçalves Dias represente duas tribos do Nordeste do Brasil; na postura empregada para fazer as descrições dos indígenas, que na produção científica assume um tom imparcial e objetivo, já nos poemas observamos uma exaltação da figura do indígena à maneira indianista; e na representação da figura do piaga que só encontramos nos dois poemas.

Nessa perspectiva, refletiremos os resultados desse último estudo a partir da afirmação de Pereira (2018, p. 154) de que a poesia indianista do poeta "assim condicionada pelos resultados das pesquisas históricas e etnográficas; não era simples fantasia; mas a recriação de fatos e tendência objetivamente estudada". É o que identificamos ao comparar as três obras. Quando nos voltamos para as duas poesias, observamos que ambas apresentam uma representação idealizada do indígena, mas que não deixa de lado um toque de realidade, já que o poeta importa para dentro delas elementos das culturas dos povos originário, como instrumentos musicais e armas de guerra que de fato existem na realidade, inclusive, esses elementos são reconhecidos no relatório redigido em in loco pelo poeta anos depois dos poemas, além de trazer etnias que, de fato, fazem parte da sociedade brasileira, no caso de Tabira. Podemos ir longe e dizer que há uma entrosagem do cientista na escrita do poeta, ou melhor, o poeta constrói uma representação do indígena brasileiro em bases etnográficas.

Por fim, destacamos que essa pesquisa se justifica relevante pelo seu pioneirismo e pelo compromisso político social para com a comunidade maranhense. Primeiro porque exploramos uma dimensão do poeta, a científica, pouco abordada nos meios acadêmicos e pouco conhecida pela sociedade, oportunizando aos meios acadêmicos maranhenses conhecerem Gonçalves Dias para além do literato, para além do autor de *Canção do Exílio*, mantendo compromisso de valorizar e reafirmar a identidade cultural do Maranhão e preservar a presença de um dos escritores mais do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ALVIM. M. C. de M. **As populações indígenas do Brasil no século do descobrimento: aspectos e problemas**. Revista de Arqueologia, São Pauto, 7:ll-11,1993.

BANDEIRA, M. **Gonçalves Dias: esboço biográfico**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1952.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. O indígena nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: entre o problema e a solução (1839–1845). **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 1–12, 2013.
BORGES, Valdinei Moreira. **O vocabulário de Gonçalves Dias**: para a construção de um glossário neológico. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. E-book Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=997064. Acesso em 16 out. de 2023.

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. v.1, n.1, p. 9-21, 1991.

CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio**: Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: EDITORA UNISINOS, 2003

CARVALHO, Eliana Marcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. Literatura indígena: entre memória. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, p. 1-12. Doi: http://dx.doi.org/10.1590/0102-469838419.

COUTINHO, Eduardo Faria. Literatura Comparada Hoje. In: JUNIOR, Benjamin Abdala (org.). **Estudos Comparados:** Teoria, Crítica e Metodologia. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014. p. 17-42.

DIAS, Gonçalves Dias. **I-Juca-Pirama; Os Timbiras; Outros poemas**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

DIAS, Gonçalves Dias. **Primeiros cantos**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342_COMPLETO.pdf. Acesso em 04 out. 2024.

DIAS, Gonçalves Dias. **Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão**. Rio de Janeiro: Typographia clássica de José Ferreira Monteiro, 1848. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4135/1/006342_COMPLETO.pdf. Acesso em 04 out. 2024.

DIAS, Gonçalves. **Brasil e Oceania**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

DIAS, Gonçalves. **Gonçalves Dias na Amazônia**: Relatórios e Diário da viagem ao rio Negro. Introdução de Josué Montello Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

DIAS, Gonçalves. **Poesia completa e prosa escolhida**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros Cantos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846. Disponível em: < http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00634200 > Acesso em 26 de dezembro de 2023.

DOLHNIKOFF, M. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2022.
Editorial, 2018.

FONSECA, João. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
KODAMA, Kaori. **Os Índios no Império do Brasil**: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009. 336 p. (Coleção História e Saúde). ISBN: 978-65-5708-223-2. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9786557082232.

LOPES, Raimundo. **Gonçalves Dias e a raça americana.** *Guarimã: Revista de Antropologia & Política*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 109–163, 2021.

MILCENT-LAWSON, Sophie; LECOLLE, Michelle; MICHEL, Raymond. **Liste et effet liste en littérature**. Paris: Classiques Garnier, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/semen.10351> Acesso em: 07 de jul. de 2024.
NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **A Vida de Gonçalves Dias**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2018.
PORTO-ALEGRE, Maria. **Comissão das Borboletas**: A ciência do império entre o Ceará e a Corte (1856-1867). Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada definição e função. In: COUTINHO, Eduardo F.,

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **Literatura comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras. 1995.

SÜSSEKIND, Flora. Palavras loucas, orelhas moucas: os relatos de viagem dos românticos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, v. n. p. 94-107, agosto, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25910> Acesso em: 06 de fevereiro de 2024.

TANKARD, Paul. **Reading lists**. Journal Prose Studies, v. 28, n. 3, 2006. p. 337-360. Disponível em:<https://doi.org/10.1080/01440350600975531> Acesso em: 07 de Jul. de 2024.